

DOI: [10.46943/VIII.CONEDU.2022.GT11.020](https://doi.org/10.46943/VIII.CONEDU.2022.GT11.020)

EDUCAÇÃO INCLUSIVA PARA PESSOAS COM NECESSIDADES ESPECIAIS NA PERSPECTIVA DA FILOSOFIA DA DIFERENÇA: COMO PENSAR A MULTIPLICIDADE EM SALA DE AULA?

Rafaela Cruz Dias

Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências e em Matemática da Universidade Federal do Paraná - UFPR, d.rafaeladias@gmail.com.

RESUMO

A diversidade presente na atual sociedade deve ser compreendida e desenvolvida nos mais diversos ambientes. A escola desempenha papel de extrema importância na formação dos alunos, não somente em âmbito intelectual, mas também em seu desenvolvimento cidadão. A inclusão de pessoas com necessidades especiais deve ser feita de forma efetiva e clara, não somente em relação ao processo de aprendizagem, mas também na forma em que a integração em sala de aula é desenvolvida. Compreender de diferentes formas, como os colegas e os próprios professores assimilam a presença dos alunos incluídos, pode ser uma ferramenta impulsionadora da inclusão propriamente dita, que promove, assim, equidade e respeito. Assim, este estudo tem como objetivo, aplicar conceitos da Filosofia da Diferença de Deleuze e Guattari em perspectivas inclusivas de Ensino, assim como, desenvolver relações entre o entendimento das multiplicidades pelos autores em interpretações atuais associadas à Educação Inclusiva brasileira, quando se trata de pessoas com necessidades especiais. A partir de revisões bibliográficas sobre os temas relacionados a Educação Inclusiva e o estabelecimento de relações com determinadas obras de

Deleuze e Guattari, pode-se concluir que os conceitos dos autores possuem relações evidentes com perspectivas inclusivas de Ensino. Além disso, conseqüentemente, podem ser utilizados para contribuir no desenvolvimento de novas interpretações sobre o tema, assim como, potencializar o entendimento mais múltiplo das diferenças presentes no ambiente escolar, compreendendo a perspectiva dos alunos incluídos e também de todos integrados ao ambiente que os cercam.

Palavras-chave: Educação Inclusiva, Filosofia da Diferença, Deleuze, Guattari.

INTRODUÇÃO

Uma das funções da Educação é a criação de novas formas de desenvolvimento. Vigotski defendeu que a educação não deve ser entendida como uma forma de assistência, complementação ou suplementação de uma determinada deficiência, sendo biológica e/ou cultural. Deve ser entendida como uma forma de construção de meios para a participação ativa do indivíduo em perspectiva social. Com isso, as adversidades relativas à educação de uma criança com alguma deficiência e seu respectivo processo de desenvolvimento em âmbito social não devem ser considerados um impedimento para inclusão do aluno (SOUZA E ANDRADA, 2013).

A deficiência integra-se na educação, sendo entendida a partir do enfoque no desenvolvimento coletivo e de construção do caráter do indivíduo. Entender essa privação como algo além de uma imperfeição, considerando a amplitude pessoal de cada aluno, destacando suas múltiplas funcionalidades e potencialidades, deve ser a base do ensino de pessoas com alguma singularidade física ou cognitiva (DAINEZ E SMOLKA, 2014).

É nesse sentido que o autor defendeu que “o ensino especial deve perder o seu caráter especial e então passará a fazer parte do trabalho educativo comum” (VIGOTSKI, 1997, p. 93) Em outro momento, Vigotski (1997) novamente apontou que “em essência, não existe diferença no enfoque educativo de uma criança deficiente e de uma criança normal, nem na organização psicológica de sua personalidade”.

Vigotski também desenvolveu o conceito de compensação social, que consiste na integração da pessoa com deficiência no contexto trabalhista, e nos demais ambientes sociais. Dessa forma, a compensação social, como metodologia educacional, demonstra sua perspectiva acerca que o ensino não deve direcionar sua fundamentação na deficiência do indivíduo, seu exercício deve embasar-se no aprimoramento de atividades multifacetadas, como o desenvolvimento de imaginação, memória, percepção e capacidade de contextualização social (VIGOTSKI, 1987).

(...) Vigotski citado por Padilha e Barbosa (2015, p.3) recorda que “a força determinante da sua exclusão dos bens culturais produzidos pela humanidade está, justamente, nas consequências sociais da deficiência e não nela mesma” (VIGOTSKI, 1997).

Especificamente relacionando o desenvolvimento da criança com deficiência, parte-se de que, embora essa característica resulte em singularidades, dificuldades na habituação da criança, justamente devido a essas adversidades, ocorre a incitação à busca de vias diferenciadas de adequação individual, que implicam na paridade da deficiência, vista como empecilho. Dessa forma, é necessária a elaboração de ferramentas, as quais atuam como vias indiretas de desenvolvimento cultural, sendo assim utilizadas, em situações que devido à deficiência, ocorra alguma dificuldade referente a obtenção desse processo de modo direto (DAINEZ E SMOLKA, 2014).

A Filosofia da Diferença expressa por Gilles Deleuze e Félix Guattari propõe relações entre conceitos que envolvem multiplicidade; ramificações de pensamento.

Reflexões que podem ser aplicadas quando se trata do respeito às diversidades, no caso deste estudo a pessoas com necessidades especiais. Ainda assim, pode-se associar relações acerca da diferença à aplicação da Educação Inclusiva. Dessa forma. Este estudo teve como objetivo apresentar conceitos da Filosofia da Diferença de Deleuze e Guattari, como o entendimento das multiplicidades e assim a sua possível relação com a inclusão escolar de pessoas com necessidades especiais.

METODOLOGIA

Este estudo se enquadra na finalidade de pesquisa básica, como uma pesquisa qualitativa, à medida que promove o entendimento e relação entre conceitos. Trata-se de uma pesquisa teórica acerca de Educação Inclusiva e as associações acerca de multiplicidade presentes na Filosofia da diferença de Deleuze e Guattari.

Inicialmente, foi realizada uma revisão bibliográfica, nos portais de periódicos da Scielo e CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior) acerca de trabalhos que envolvessem

pessoas com necessidades especiais associadas ao ambiente escolar. Para esta pesquisa inicial, foi utilizado como base teórica, as perspectivas de Vigotski acerca dos temas; neste ponto da pesquisa, esses sujeitos foram tratados como pessoas com deficiência, devido à utilização do termo por Vigostki.

Posteriormente, uma resenha acerca da obra “Mil Platôs”, de Deleuze e Guattari foi elaborada, com o objetivo de apresentar os principais conceitos acerca de multiplicidade e diferença.

Por fim, com a apresentação dos conceitos, foi possibilitado o estabelecimento de relações entre a Filosofia de Deleuze e Guattari e o entendimento das multiplicidades e respeito à diferença.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Além da parceria de Deleuze e Guattari em “Mil platôs”, os filósofos desenvolveram o “Anti-édipo”; obra de grande impacto em diferentes campos de estudo, principalmente na psicanálise. Os autores associam a psicanálise a uma forma de captura da multiplicidade, através do aprisionamento do inconsciente do indivíduo (DELEUZE E GUATTARI, 2007).

Assim como o “Anti-édipo”, o “Mil platôs” recebe o subtítulo: capitalismo e esquizofrenia, dois conceitos que se relacionam com a tomada da multiplicidade em seu estado mais puro e a própria multiplicidade propriamente dita, respectivamente. Os dois livros tratam da inquietação existente entre uma forma mais ampla de pensamento e seu imposto aprisionamento. Contudo, a segunda obra tem como foco o desenvolvimento de diferentes conceitos acerca dessa relação. A obra define dualismos entre concepções que definem os limites e potencialidades das mais diversas formas de multiplicidade e seus limitadores (DELEUZE E GUATTARI, 2007).

Deleuze e Guattari definem que a realidade é múltipla, não sintetizadas a um modelo de fundamento perfeito e imutável. Assim, não há fundamento que constitua a multiplicidade (DELEUZE E GUATTARI, 2007).

As multiplicidades são a própria realidade, e não supõem nenhuma unidade, não entram em nenhuma totalidade e tampouco remetem a um sujeito. As subjetivações, as totalizações, as unificações, são, ao

contrário, processos que se produzem e aparecem nas multiplicidades. (DELEUZE E GUATTARI, 2007)

A multiplicidade é aplicada à realidade de forma irredutível, a partir das diferentes formas de se pensar, não devendo ser reduzida e muito menos aprisionada. Porém, deve-se refletir, de que forma essa multiplicidade se encontra estratificada? Qual a possibilidade de expressão associada a ela?

Os filósofos destacam a existência de processos ilegítimos de estratificação, com os quais a multiplicidade e conseqüentemente, a diferença não são exploradas e disseminadas perante perspectivas sociais, tornando a realidade improdutiva. Essa implicação é trabalhada com o entendimento de diferentes relações dualistas. Contudo, inicialmente necessita-se definir conceitos basais na filosofia da diferença entendida por Deleuze e Guattari (DELEUZE E GUATTARI, 2007).

A multiplicidade, como conjunto, é relativa à terra, o território estabelecido é definido como o estrato, e o processo de estratificação como territorialização. Além disso, a apreensão produzida pela terra no território é associada à desterritorialização (DELEUZE E GUATTARI, 2007).

RIZOMA E ARBORESCÊNCIA

Deleuze e Guattari, de início, nos apresentam duas diferentes formas de produção de um livro, o desenvolvimento de um livro raiz e de um livro rizoma. Associações com a biologia, política, anatomia, e outras áreas de estudo, são propostas em todo o processo de desenvolvimento dos dualismos relacionados ao pensamento dos filósofos.

O livro raiz, clássico, propõe uma imagem do mundo, define uma tese, se inicia em um ponto, como raiz e se abre em ramificação. Assim, parte de uma unidade para posteriormente chegar ao múltiplo, inicia na tese para atingir a interpretação. Os ramos, múltiplos, são impostos a uma relação de dependência à unidade, como uma árvore, que depende incondicionalmente de uma raiz. Consistem em livros estafados, fixos, que não correspondem à realidade, que nunca compreenderam a amplitude da multiplicidade (DELEUZE E GUATTARI, 2007).

Em contraposição, há o livro rizoma, que parte do múltiplo e atinge uma unidade como unicamente resultado. Dessa forma, a unidade resultante consiste em um todo, ainda assim, aberto. O livro não objetiva abordar uma cópia da realidade, e sim fazer rizoma, se entrelaçar com multiplicidade, desassociando-se do quesito unificador. Define que a multiplicidade não se encaixa em um modelo único, é o que entorna as estruturas.

Há duas maneiras de ler um livro. Podemos considerá-lo como uma caixa que remete a um dentro, e então, vamos buscar seu significado, e aí, se formos ainda mais perversos ou corrompidos, partimos em busca do significante. E trataremos o livro seguinte como uma caixa contida na precedente, ou contendo-a por sua vez. E comentaremos, interpretaremos, pediremos explicações, escreveremos o livro, ao infinito. Ou a outra maneira a-significante: o único problema é: "isso funciona, e como é que funciona". Como isso funciona para você? Se não funciona, se nada se passa, pegue outro livro. essa outra leitura é uma leitura em intensidade: algo passa ou não passa. Não há nada a explicar, nada a compreender, nada a interpretar. É do tipo ligação elétrica. (DELEUZE E GUATTARI, 2007).

Essas perspectivas se apoiam a definições da biologia, mais especificamente da botânica. Partindo do modelo arborescente com seu princípio em uma raiz unificadora, que instaura dependência.

A raiz é o órgão especializado para a fixação da planta no solo e para a absorção de água e sais minerais em solução, podendo ainda desempenhar as funções de reserva de substâncias e de aeração em plantas aquáticas, entre outras. A raiz é caracterizada como um órgão cilíndrico, aclorofilado que se distigie do caule por não se apresentar dividida em nós e internós e por não formar folhas ou gemas (RAVEN, 2007)

Enquanto o rizoma é definido com uma estrutura múltipla e proporcionadora de conexões.

Chama-se rizoma um tipo de caule, geralmente subterrâneo, que se dispõe mais ou menos paralelamente à superfície do solo, e que emite, de espaço a espaço,

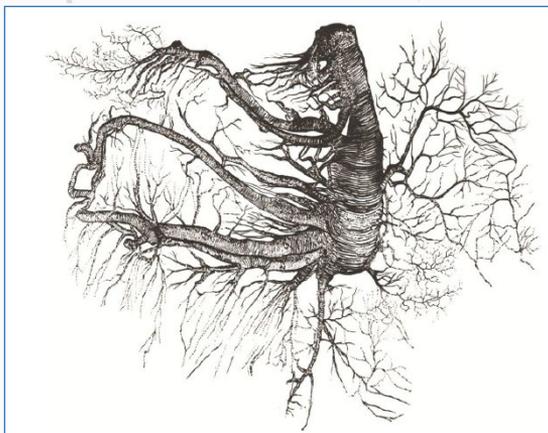
brotos aéreos foliosos e florísticos, podendo também emitir raízes de seus nós (RAVEN, 2007).

A terra é repleta de multiplicidade, um solo sem fundo, de puras possibilidades. A árvore depende de uma raiz, se fundamenta em uma unidade, introduz uma hierarquia; da raiz às folhas. Deleuze e Guattari articulam que “muitas pessoas têm árvores plantadas na cabeça”, pensamentos centrados, rígidos; tem sua multiplicidade submetida à subjetividade. Já o rizoma propõe outra forma de organização da multiplicidade; não é subordinado a um centro hierárquico. O todo se abre de modo a desestruturar a verticalidade, propõe o desenvolvimento do múltiplo, do possível, do flexível. Assim, “a árvore centralizada em uma estrutura fixa é um modelo, enquanto o rizoma é um processo” (DELEUZE E GUATTARI, 2007).

Na verdade, não basta dizer Viva o múltiplo, grito de resto difícil de emitir. Nenhuma habilidade tipográfica, lexical ou mesmo sintática será suficiente para fazê-lo ouvir. É preciso fazer o múltiplo, não acrescentando sempre uma dimensão superior, com força de sobriedade, no nível das dimensões de que se dispõe, sempre $n-1$ (é somente assim que o uno faz parte do múltiplo, estando sempre subtraído dele). Subtrair o único da multiplicidade a ser constituída, escrever a $n-1$. Um tal sistema poderia ser chamado de rizoma. (DELEUZE E GUATTARI, 2007).

Embora o dualismo esteja presente na apropriação dos conceitos árvore e rizoma, ambos consistem em perspectivas de interpretação da multiplicidade, enquanto sua organização, sendo assim indissociáveis. O dualismo é instaurado não para definir o ideal, mais adequado, mas como crítica às estruturas enrijecidas. Nesse caso, critica a força do modelo arborescente, tendo o rizoma, como um processo desenvolvido para ampliar as possibilidades de construção de pensamento, de instauração de formas de limitação ao múltiplo (DELEUZE E GUATTARI, 2007).

Figura 1 - Representação de uma estrutura rizomática



Fonte: Raven, 2007

Podem ser definidos princípios do rizoma e de sua conformação. Os princípios de heterogeneidade e conexão, que definem que o rizoma se expande por conexões, se liga de forma heterogênea, cresce descentralizado; se espalha, como processo de relação entre heterogeneidades (DELEUZE E GUATTARI, 2007).

O princípio da multiplicidade, pela qual o rizoma é produzido; a multiplicidade o compõe, como linhas que se ramificam e se alteram. Deleuze e Guattari parte do exemplo da marionete, como objeto, manipulado por um sujeito, como uma agregação que não só define, mas também participa dos movimentos (DELEUZE E GUATTARI, 2007).

Também é apresentado o princípio de ruptura, que destaca que o rizoma pode ser rompido em qualquer ponto, sem que essa alteração desfaça sua conformação, que retorna a ser expandida para algum lugar. A ruptura estaria associada a um ponto de disseminação. Com um novo corte, ocorre um novo começo, um novo caminho, como um formigueiro, que pode ter interferência em qualquer ponto, mas que se reconstitui à sua formação a partir de novas possibilidades de expansão (DELEUZE E GUATTARI, 2007).

O rizoma também é definido com o princípio da cartografia e decalcomania, não sendo definido a partir de um modelo, não demonstrando formas ordenadas ou prioritárias estruturalmente, não possuindo característica para reprodução e cópia, não é possível elaborar um decalque a partir de sua conformação. Suas

ramificações se transformam sobre a superfície. O modelo árvore consiste em um decalque da multiplicidade, como tentativa de cópia; uma representação. Já o rizoma, é estabelecido por cartografia, não como cópia, mas como organização fluida. É aberto, flexível, possibilita conexões e não reproduções, é uma coordenação ampla sobre a multiplicidade, como um corte definido de forma heterogênea e somática. O rizoma inclui possibilidades, é o processo de desenvolvimento da multiplicidade definida a partir dela mesma, é disjuntivo (DELEUZE E GUATTARI, 2007).

A partir disso, se conectam heterogeneidades, a diferença passa a integrar, sem ser definida por mediações, ocorre como soma, como abertura às multiplicidades e operadora de conexões e possibilidades. Ao invés de interpretar, deve-se propor experimentações. A sociedade aprisiona os desejos múltiplos, porque se tem receio nas possíveis ligações com o diferente. O desejo é a revolução pura, incita conexões, incentiva expansões de pensamento (DELEUZE E GUATTARI, 2007).

Uma vez que um livro é feito de capítulos, ele possui seus pontos culminantes, seus pontos de conclusão. Contrariamente, o que acontece a um livro feito de “platôs” que se comunicam uns com os outros através de microfendas, como num cérebro? Chamamos “platô” toda multiplicidade conectável com outras hastes subterrâneas superficiais de maneira a formar e estender um rizoma. Escrevemos este livro como um rizoma. Compusemo-lo com platôs. Demos a ela uma forma circular, mas isto foi feito para rir. Cada manhã levantávamos e cada um de nós se perguntava que platôs iria pegar, escrevendo cinco linhas aqui, dez linhas alhures. Tivemos experiências alucinatórias, vimos linhas, como fileiras de formiguinhas, abandonar um platô para ir a um outro. Fizemos círculos de convergência. Cada platô pode ser lido em qualquer posição e posto em relação com qualquer outro. Para o múltiplo, é necessário um método que o faça efetivamente. (DELEUZE E GUATTARI, 2007).

Pensar de forma rizomática possibilita um mundo mais criativo e receptivo, conectando os mais diversos pontos de um território que é originalmente definido como uma estrutura centralizada e hierárquica; a árvore social (DELEUZE E GUATTARI, 2007).

CORPO SEM ÓRGÃOS E ORGANISMO

O corpo sem órgãos é desenvolvido a partir de abordagens diferentes nas obras de Deleuze e Guattari. Em “Anti-édipo”, o conceito tem base mais teórica e ontológica, enquanto que em “Mil platôs” é pensado como um agrupamento de ações, em seu sentido mais ético (DELEUZE E GUATTARI, 2007).

O “Anti-édipo” considera o desejo, que constitui o ser como uma máquina desejante, com fragmentos conectados e funcionamento próprio, contrariedade em movimento, que estabelece novas organizações para conviver com seus desejos. O corpo sem órgãos é contrário a essa organização mecânica, é uma multiplicidade subentendida, da qual se originam as linhas desejantes. Não se aplica às repetições, é um processo adverso, é o desenvolvimento da veracidade dos desejos (DELEUZE E GUATTARI, 2007).

Em “Mil platôs”, é uma prática ética, desenvolvida perante as multiplicidades, oposta ao organismo estratificado, com estrutura e funcionamento definido. O corpo é estabelecido a partir da inquietude entre as multiplicidades e estratificações. Assim possui sua organização; organismo e sua desordem; corpo sem órgãos. O órgão funciona com o todo, funcionalmente, não possui um objetivo se isolado. O corpo sem órgãos é a diferença, encoberto à organização, multiplicidade pura. Esse conjunto tem capacidade de afetar estruturas, impulsionando linhas desejantes, estabelecendo novos objetivos aos corpos. Assim, não é isolado nem coletivo, não sendo atingível, é exterior dos corpos organizados; organismos (DELEUZE E GUATTARI, 2007).

Não é uma noção, um conceito, mas antes uma prática, um conjunto de práticas. Ao corpo em órgãos não se chega, não se pode chegar, nunca se acaba de chegar a ele, é um limite. Diz-se: que é isto – o Corpo sem órgãos – mas já se está sobre ele – arrastando-se como um verme, tateando como um cego ou correndo como um louco, viajante do deserto e nômade da estepe. É sobre ele que dormimos, velamos, que lutamos, lutamos e somos vencidos, que procuramos nosso lugar, que descobrimos nossas felicidades inauditas e nossas quedas fabulosas,

que penetramos e somos penetrados, que amamos.
(DELEUZE E GUATTARI, 2007, P.12).

Com isso, se instaura a reflexão “por que aproximar-se de um corpo sem órgãos? Nessa perspectiva podemos entender o dualismo inseparável dos conceitos de organismo e corpo sem órgãos. Deve-se entender que a estratificação não pode ser integralmente submetida ao desejo, e que o desejo não atue como destruidor da estratificação por completo, pois essa relação intensa pode resultar na dependência do movimento dessas extremidades. Se tem a disposição às intensidades que antes eram ausentes, com a transformação de ordenações interessantes acerca dos mais diversos pontos individuais e sociais. A desestruturação de pensamentos pode resultar no encontro de uma nova terra, a partir da busca de uma conformação mais concordante ao desejo (DELEUZE E GUATTARI, 2007).

Enfim, como se pode alcançar esse corpo sem órgãos? Através da experimentação; da desorganização, de novas formas de pensar, de conectar, estabelecer relações, de entender os fluxos e ideias. O organismo é uma forma de estruturação da multiplicidade, com órgãos com funções distintas e isoladas. Extravasar esse organismo é proporcionar a essa organização, uma revolução de experimentações, é não se conformar com territórios definidos de forma subjetiva, é desterritorializar o sujeito; é uma necessidade para uma vida intensa (DELEUZE E GUATTARI, 2007).

Nós não paramos de ser estratificados. Mas o que é este nós, que não sou eu, posto que o sujeito não menos do que o organismo pertence a um estrato e dele depende? Respondemos agora: é o corpo sem órgãos, é ele a realidade glacial sobre qual vão se formar estes aluviões, sedimentações, coagulação, dobramentos e assentamentos que compõem um organismo - e uma significação e um sujeito. É sobre ele que pesa e se exerce o juízo de Deus, é ele quem sofre. É nele que os órgãos entram nessas relações de composição que chamam de organismo. O corpo sem órgãos grita: fizeram-me um organismo! Dobraram-me indevidamente! Roubaram meu corpo! O juízo de Deus arranca-o de sua imanência, e lhe constrói um organismo, uma significação, um sujeito. (DELEUZE E GUATTARI, 2007).

Ainda assim, devemos partir dessa prática de maneira a experimentar de forma prudente, não excluindo nenhum tipo de organização de forma totalitária. Toda forma de revolução demanda cautela, para não ser obtida a desestruturação completa. É preciso viver a diferença, sem se perder nela. A prudência é associada diretamente à experimentação, não define demarcações, mas aplica à experimentação, a capacidade de encontrar seus próprios limites. Quando se objetiva à multiplicidade, se necessita da experimentação, com sua prudência para continuidade e cautela para evitar seu descontrole (DELEUZE E GUATTARI, 2007).

Por que este desfile lúgubre de corpos costurados vitrificados, catatonizados, aspirados, posto que o corpo sem órgãos é também pleno de alegria, de êxtase, de dança? Então, por que estes exemplos? Por que é necessário passar por eles? Corpos esvaziados em lugares plenos. Que aconteceu? Você agiu com a prudência necessária? Não digo sabedoria, mas prudência como dose, como regra imanente à experimentação: injeções de prudência. (DELEUZE E GUATTARI, 2007, P.13).

Quando se opõe o organismo ao corpo sem órgãos, entende-se sua interdependência, não se pode ser corpo sem órgãos ou organismo em totalidade, se identifica o ponto médio entre essa relação. A estratificação é presente, contudo é submetida a processos múltiplos a todo momento.

O organismo já é isto, o juízo de Deus, do qual os médicos se aproveitam para tirar seu poder. O organismo não é o corpo, o corpo sem órgãos, mas um estrato sobre o corpo sem órgãos, quer dizer um fenômeno de acumulação, de coagulação, de sedimentação que lhe impõe formas, funções, ligações, organizações dominantes e hierarquizadas, transcendências organizadas para extrair um trabalho útil. (DELEUZE E GUATTARI, 2007, P.25).

Enfim, como entender essa tensão e definir a posição mais interessante para se habitar? Não se deve pensar em romper os estratos de forma definitiva, deve-se concentrar o impulsionamento na capacidade de se desestruturar conforme a necessidade, pois o

corpo sem órgãos é adjunto ao organismo (DELEUZE E GUATTARI, 2007).

Assim, se estabelecem os seguintes questionamentos, “é possível alcançar a intensidade em sua plenitude sem se perder na própria multiplicidade?”, “se há um limite, qual a intensidade que o corpo consegue suportar?” e “como experimentar sem se perder na loucura de suas potencialidades?” (DELEUZE E GUATTARI, 2007).

ROSTIDADE

Deleuze e Guattari exploram a formação e deformação de um rosto determinado. Inicialmente, se entende que o rosto é formado pela linguagem, parte da potencialidade de certos fluxos que estabelecem uma forma. A palavra é uma ferramenta de poder, de forma que pode ser associada a uma prática despótica, que pressupõe o corpo de uma determinada maneira. Essa palavra, pode demonstrar rigidez; controlando algo, sendo obedecida, ou pode ser sutil, como uma forma de ensino. A partir da linguagem, ocorre a estruturação, a modelagem do corpo.

Uma criança, uma mulher, uma mãe de família, um homem, um pai, um chefe, um professor primário, um policial, não falam uma língua geral, mas uma língua cujos traços significantes são indexados nos traços de rostidade específicos. Os rostos não são primeiramente individuais, eles definem zonas de frequência ou de probabilidade, delimitam um campo que neutraliza antecipadamente as expressões e conexões rebeldes às significações conformes. (DELEUZE E GUATTARI, 2007, P.36).

Pode-se explorar dois conceitos para o entendimento mais efetivo do dualismo que envolve a rostidade; o muro branco e o buraco negro. O muro branco se apoia às linhas de significância, signos, regimes que se relacionam. Um signo se relaciona com outro, sendo despóticos, associados ao autoritarismo, colonizando o indivíduo aos seus significantes. A interpretação dessas relações objetiva a ruptura e construção de novos significados (DELEUZE E GUATTARI, 2007).

O buraco negro é subjetivo, redundante, sendo o ponto central do estabelecimento despótico da relação de signos. Consiste no centro, do qual tudo se origina. Os significantes se dispõem em linhas, que possuem pontos que circundam uma ideia central. A subjetividade é um buraco negro que aprisiona sujeitos em sua própria estrutura. Toda definição fixa e inflexível é um buraco negro, instauradas em forma de imposições sociais, como “faça dessa forma, seja de tal maneira”. Há uma rendição a esse buraco negro, que não dispõe de multiplicidades, a medida que não trabalha as potencialidades, alternativas, transformações. É algo que destrói o criativo e a diferença em suas manifestações mais plenas. Algo que transporta e estabelece fundamentos, que impossibilita fluxos, que se fecha para o fora, e que conseqüentemente institui sua própria e única maneira de pensar. Assim se definem, o muro branco indestrutível e o buraco negro do qual nada escapa, como definição de uma identidade eterna e imutável (DELEUZE E GUATTARI, 2007).

O muro branco não pára de crescer, ao mesmo tempo que o buraco negro funciona várias vezes. [...] “Ah, não é nem um homem nem uma mulher, é um travesti”: a relação binária se estabelece entre o “não” de primeira categoria e um “sim” de categoria seguinte que tanto pode marcar uma tolerância sob certas condições quanto indicar um inimigo que é necessário abater a qualquer preço. De qualquer modo, você foi reconhecido, a máquina abstrata inscreveu você no conjunto de seu quadriculado (DELEUZE E GUATTARI, 2007).

Com isso, o rosto é uma estratificação do corpo sem órgãos, dentro de uma intensidade. O muro branco e o buraco negro definem e formulam o rosto. Essa rostidade é definida como um conceito fechado e subjetivo, para definir possibilidades.

É o resultado de uma imposição, de uma máscara colocada, de uma limitação estabelecida a partir de determinadas significações. O rosto é criado, definido com uma maneira de pensar e agir, induzindo o sujeito a um determinado tipo de rosto. Fundamentos que distribuem a multiplicidade, de modo que se associam a um poder central, são a base da formação dos rostos e do controle de tudo que se contrapõe a essa determinação. Certas desvinculações

podem ser consentidas, enquanto outras que fogem da normalidade estabelecida, podem ser destruídas.

Do ponto de vista do racismo, não existe exterior, não existem as pessoas de fora. Só existem pessoas que deveriam ser como nós, e cujo crime é não serem. A cisão não passa mais entre um dentro e um fora, mas no interior das cadeias significantes simultâneas e das escolhas subjetivas sucessivas. O racismo jamais detecta as partículas do outro, ele propaga as ondas do mesmo até a extinção daquilo que não se deixa identificar (ou que só se deixa identificar a partir de tal ou qual desvio). Sua crueldade só se iguala a sua incompetência ou sua ingenuidade (DELEUZE E GUATTARI, 2007).

Formas de tolerância são aplicadas à diferença, que, de certo modo, são aceitas dependendo das conformações nas quais são incluídas e analisadas. O alternativo é distanciado, reprimido, e em determinadas situações apagados. A definição de rostos configura o todo em um modelo pré-estabelecido. Quanto mais afastado do modelo vigente, mais periférica é sua localização com relação ao ponto central. A definição de um rosto resulta na captura de um corpo, sendo que a desterritorialização do corpo é a territorialização do rosto (DELEUZE E GUATTARI, 2007).

Um corpo objetiva uma forma, enquanto um rosto, uma maneira de execução, que tenha uma finalidade específica. À medida que se encontra um corpo sem órgãos, o rosto se deforma, se desfaz de sua plenitude. Esse rosto deformado, desconstruído é visto como estranho, inadequado, como um erro que não se encaixa. Contudo, essa deformação resulta em novas possibilidades, manifestações, tanto de pensar, quanto de agir (DELEUZE E GUATTARI, 2007).

Pode-se apresentar sintomas dentro dessa deformação. Um sintoma é uma linha de fuga, um tique, que nos singulariza, que desvincula uma identidade. Consiste no que deforma o rosto e o afasta do modelo, é uma manifestação singular, e não uma falta, imperfeição, defeito.

O que é um tique? é precisamente a luta sempre recomeçada entre um traço de rostidade, que tenta escapar da organização soberana do rosto, e o próprio

rosto que se fecha novamente nesse traço, recupera-o, barra sua linha de fuga, impõe-lhe novamente sua organização (DELEUZE E GUATTARI, 2007, P.64).

O sintoma se relaciona a um modo de vida, com suas potencialidades como consequências necessárias à sua vivência e expressão. É uma forma de protesto, de revolução, de diferença, de descontentamento a um modelo que não o representa. Assim, deforma o rosto e conseqüentemente o corpo, não se retraindo a limites impostos. Essas linhas de fuga precisam ser analisadas, desde a forma de dispersão e direção, objetivando algo interessante e novo. Deve-se entender para onde essas linhas podem nos levar, encontrando a criatividade presente em cada sintoma (DELEUZE E GUATTARI, 2007).

O sistema completo compreende então: o rosto ou o corpo paranóico [sic] do deus-déspota no centro significante do templo; os sacerdotes interpretativos, que sempre recarregam, no templo, o significado de significante; a multidão histórica do lado de fora, em círculos compactos, e que salta de um círculo a outro; o bode emissário depressivo, sem rosto, emanando do centro, escolhido e tratado, ornamentado pelos sacerdotes, atravessando os círculos em sua fuga desesperada em direção ao deserto. Quadro por demais sumário que não é somente o do regime despótico imperial, mas que figura também em todos os grupos centrados, hierarquizados, arborescentes, assujeitados: partidos políticos, movimentos literários, associações psicanalíticas, famílias, conjugalidades [...] (DELEUZE E GUATTARI, 2007, P.70).

A deformação do rosto é o encontro do corpo sem órgãos, por múltiplas e prudentes formas de experimentação. Fazer com que o indivíduo extravase sua forma, escape de um rosto definido e se afaste de uma forma de subjetividade fechada, é impulsioná-lo em direção a diferentes potencialidades. O ser humano é submetido a determinados aprisionamentos; vícios, interpretações, pré-conceitos, significantes monótonos, de organismo que não exprimem experimentações. Se rebelar contra essas imposições é propiciar novos pensamentos inovadores, é desenvolver um corpo sem órgãos como prática, através do entendimento de novos caminhos.

Impulsionar a experimentação em detrimento da interpretação, incentiva a busca pelas linhas de fuga, como sintomas que levam o indivíduo a outros espaços (DELEUZE E GUATTARI, 2007).

Formar um corpo sem órgãos possibilita que subjetividades pré-existentes sejam afetadas e possivelmente alteradas. O objetivo dessa formação é atingir o potencial de um corpo, para além de seus aprisionamentos, a partir de experimentações que conduzem o pensamento através de linhas, antes omitidas e que, nessa perspectiva, podem ser decorrer a novas direções. Dessa forma, trata-se de um processo ininterrupto, de alcance de novas experiências (DELEUZE E GUATTARI, 2007).

Determinadas associações só são possíveis a partir do desenvolvimento de competências desejantes de multiplicar conexões a partir de desterritorializações. Como princípios; não há desterritorialização isolada, mas linhas de fuga que se associam e se expandem. Assim como, esse processo não necessariamente é breve e conciso, podendo tratar-se de um conjunto de etapas subsequentes de criação de linhas de fuga e abalo de territórios (DELEUZE E GUATTARI, 2007).

Essas linhas de fuga deslocam pensamentos já fixados; territorializados para novos territórios, retirando o indivíduo de um centro, de uma raiz, de um rosto instituído, deformando-o de forma conjunta. A linha de fuga é o próprio sintoma, é o próprio desejo. O ser humano possui suas linhas de fuga, porém dispostas em amarranhados que dificultam a dispersão em novas experimentações. As linhas de fuga possibilitam mundos diferenciados, trilhas desviantes, sendo a própria manifestação da diferença. Deve-se buscar o entendimento das possibilidades de alcance e de exercícios dessas linhas em sua totalidade (DELEUZE E GUATTARI, 2007).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A filosofia da diferença expressa por Deleuze e Guattari tem como base o entendimento de multiplicidades, desenvolvidas a partir de diversos conceitos associativos que corroboram o incentivo ao entendimento do diverso.

Dessa forma, explorar as possibilidades acerca dessas perspectivas, associando diretamente a amplitude envolvida à Educação

Inclusiva, é consideravelmente relevante diante do que consiste a inclusão propriamente dita de alunos com necessidades especiais.

Compreender como o múltiplo funciona e também como é reprimido e intimidado a uma sociedade, enraizada em conceito pré-determinados, pode contribuir para a potencialização das diferentes formas de experimentação associadas ao processo de Ensino Inclusivo.

Como as multiplicidades podem ser entendidas? Como podem ser exploradas e incentivadas no desenvolvimento de diferentes formas de aprendizagem? Esses questionamentos podem ser ampliados de acordo com as perspectivas teóricas expressadas por Deleuze e Guattari, em âmbito de compreensão coletiva e individual. O que o diferente tem para oferecer a um docente rizomático, que se permite diversificar metodologias e experiências de pensamentos e atitudes?

A Filosofia da diferença permite entender e impulsionar o múltiplo, contribuindo não somente para a interpretação das diferenças, mas para uma Educação que aceite e promova o respeito.

REFERÊNCIAS

DAINEZ, D.; SMOLKA, A. L. B. (2016). *Vygotskian inspired research on the developmental implications of organic impairment. Mind, Culture, and Activity*, s.l., v.18, n. 7, p.01-14. Jul. 2016.

PADILHA, A. M. L. Contribuições de Angel Pino para pensar o Homem Novo em Vigotski. Caderno. **CEDES**, Campinas, 35, p.391-404. Set. 2015.

RAVEN, P. et al. **Biologia vegetal**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2014.

SOUZA, V. L. T. de; ANDRADA, P. C. de. Contribuições de Vygotsky para a contribuição do psiquismo. **Estudos de Psicologia**, Campinas, v.30, n 3, p. 355-365. Set. 2013.

VIGOTSKY, L. S. **Obras escogidas: fundamentos de defectologia**. (Tradução de Maria del Carmen Ponce Fernandez. Madrid: Havana: Editorial Pueblo y Educación, 1997.